

## **Eu vi as três meninas, música tradicional da infância na Aldeia de Carapicuíba**

**Lucilene Ferreira da Silva**

[lucilene-lu@uol.com.br](mailto:lucilene-lu@uol.com.br)

Brasil

Procesos pedagógicos musicales en distintos contextos. Recursos, abordajes y reflexiones

**Resumo:** Eu Vi as Três Meninas- Música Tradicional da Infância na Aldeia de Carapicuíba, corresponde a uma documentação da Música da Cultura Infantil de várias gerações e regiões do Brasil levantada na comunidade da Aldeia de Carapicuíba (SP), através do Centro de Estudos e Irradiação da Cultura Infantil. Diante da diversidade do repertório aqui apresentado traz um retrato da música tradicional da infância brasileira com toda a sua diversidade e beleza, retrato este que representa toda a multiplicidade de gêneros da música brasileira, com características distintas, de acordo o seu lugar de origem. Contou com a participação de crianças, adolescentes, jovens, mães, pais, avós e bisavós da Comunidade da Aldeia de Carapicuíba. Esta documentação se integra a uma ampla ação realizada pelo Centro de Estudos e Irradiação da Cultura Infantil, que tem como objetivo principal o levar a brincar e a documentação da música e cultura da infância brasileira.

**Palavra-Chaves:** Música tradicional da infância. Pesquisa e documentação. Educação musical.

### **Música tradicional da infância na Aldeia de Carapicuíba - SP**

O município de Carapicuíba, localizado na região metropolitana de São Paulo, foi um aldeamento de índios Guaianases e possui um importante patrimônio histórico: a Aldeia de Carapicuíba, fundada em 1580, elencada como uma das mais preservadas aldeias jesuíticas brasileiras, que por volta de 1770 já era considerada um significativo núcleo cultural.

Por seu clima e sua terra apropriados para o cultivo de legumes, hortaliças e cereais, Carapicuíba recebeu, a partir de 1928, um grande fluxo de imigrantes japoneses. Com a 2ª Guerra Mundial, entre as décadas de 1950 e 1960, aí chegaram imigrantes europeus, russos, poloneses e ucranianos. No período pós-guerra, com o fechamento dos garimpos na região de Diamantina (MG), o êxodo trouxe muitos mineiros para Carapicuíba. A partir da década de 1970 chega mais um grande fluxo de pessoas: imigrantes chilenos que fugiam da ditadura militar, além de nordestinos de várias regiões, que representam hoje a maioria da população, formada de

pernambucanos, baianos e mineiros em sua maioria. Carapicuíba continua recebendo migrantes e imigrantes, como bolivianos e africanos, principalmente, que aos poucos vêm se juntando aos demais, fazendo morada nesse lugar. Embora em menor escala, aí encontramos ainda: maranhenses, piauienses, cearenses, paraibanos, alagoanos, sergipanos, paraenses, paranaenses e paulistas. Tal histórico dá à cidade, atualmente com uma população de cerca de 500 mil habitantes, um caráter muito acolhedor.

Entre esta população tão diversa, ao longo dos últimos doze anos, a partir das ações do Centros de Estudos e Irradiação da Cultura Infantil da OCA – Escola Cultural, foi levantado um precioso repertório da música tradicional da infância de alguns estados brasileiros dos quais predominam a população em Carapicuíba: Bahia, Pernambuco, Minas Gerais e Paraná,

O nome da obra, *Eu Vi as Três Meninas – Música Tradicional da Infância na Aldeia de Carapicuíba*, faz alusão à primeira brincadeira que foi ensinada por uma mãe da comunidade, compartilhada por Maria da Piedade Souza Barreiros (1979), de Minas Novas – Vale do Jequitinhonha (MG). Essa foi também a brincadeira mais praticada nesses doze anos de existência do Centro de Estudos e Irradiação da Cultura Infantil. Esse nome também remete ao feminino, que dá o tom à música da infância. Esse feminino é aqui representado principalmente pelas mães e avós da Comunidade da Aldeia de Carapicuíba, tão presentes e essenciais no trabalho. O nome remete também aos três principais grupos migratórios de Carapicuíba: baianos, pernambucanos e mineiros e às três principais etnias formadoras da cultura brasileira: índios, negros e europeus.

Na expectativa de que esta publicação atenda ao propósito de levar a brincar, optamos por uma forma tríplice de publicação, de maneira a alcançar crianças, pais, avós e educadores. Assim preparamos um livro que traz a descrição minuciosa das brincadeiras através de textos escritos, desenhos e fotografia ; um caderno de partituras, contendo a transcrição das cantigas e do ritmo das brincadeiras com o objetivo de aprofundar a compreensão dessa música e fazer chegar esse repertório aos educadores musicais; um CD com a recriação do repertório através de arranjos de Zezinho Pitoco e Edmilson Capelupi, especialistas em música brasileira, e interpretado pelas crianças, pelos adolescentes, jovens, mães e avós da Comunidade da Aldeia de

Carapicuíba e finalmente, o DVD que traz imagens da movimentação de cada brincadeira e do cotidiano das crianças da Comunidade da Aldeia de Carapicuíba, onde brincar é a palavra de ordem.

Este trabalho não para por aí, as crianças continuam brincando, inventando e reinventando. A convivência reaviva as memórias e a cada dia surge uma “boa nova”, que é compartilhada conosco como uma preciosidade, guardada e cuidada com muito carinho. Essas preciosidades compõem um repertório vivo, inteligente, que possibilita o encontro, a alegria; que conta a história de cada um e de cada lugar. Ele traduz o Brasil também vivo, alegre, cheio de encontros e misturas. Os estudos musicais aqui iniciados não se encerram nesta publicação. Eles são apenas o início do muito que precisa ser feito em relação à Música da Cultura Infantil no Brasil.

Os exemplos musicais da publicação são originários de vários estados do Brasil: Bahia, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco e São Paulo, e representam vários gêneros, um substrato da música brasileira: Arrasta Pé, Caboclinho, Calango, Carimbó, Ciranda, Choro-canção, Coco, Dobrado, Frevo, Ijexá, Marcha-rancho, Polca, Quadrilha, Samba, Samba do Recôncavo e Xote.

As várias gerações que contribuíram para a presente pesquisa – da década de 1920 à segunda década do século XXI – apresentam repertórios que diferem entre si, quando comparados por décadas. São brincadeiras cantadas e ritmadas. As cantadas, muito mais presentes na infância das gerações da década de 1920 até o início da década de 1970, trazem nas melodias a singeleza e a vivacidade características da infância da época: tons menores, melodias modais; predominância, porém, da tonalidade maior, variando de acordo com a música do lugar de origem. As brincadeiras ritmadas, a partir da década de 1970, têm cada gesto medido pela rítmica da palavra que impulsiona o movimento. Apesar de recitadas, de não possuírem melodia, apresentam muitas variações de altura: as vozes sobem, descem, se movimentam por saltos, graus conjuntos ou permanecem numa mesma nota, criando um discurso musical variado, com esboços de cadências, marcando ponto de partida, tensão e repouso, bem como a expressividade desse repertório falado.

A abrangência de tantas décadas possibilita também analisarmos a transformação do repertório ao longo do tempo. De uma música em que a melodia é o elemento principal, passa a um estilo predominantemente recitado, em que o ritmo é

a tônica; de quadratura perfeita, das formas com forte presença da redondilha maior ou menor – herança ibérica de nossa poesia popular – passa a uma métrica irregular; de movimentos mais contidos em que prevalece a roda, passa a mais movida, com disposições no espaço que vão muito além da roda; de andamentos mais lentos, a andamentos mais acelerados, acompanhando a velocidade do mundo. Essas diferenças definem as particularidades da Música Tradicional da Infância e da Música da Cultura Infantil Contemporânea; da música rural, das primeiras gerações, e da música urbana, das últimas, que, apesar das diferenças, trazem uma mesma essência que se relaciona com a necessidade da criança de brincar junto, de movimento e desafios. Outra similaridade entre as brincadeiras das gerações que participam desta pesquisa é a presença constante das rimas, que dão à palavra o lugar de um brinquedo, explorado de muitas formas. Muitas vezes essa rima é o que importa, mesmo que o texto pareça não ter sentido. Brincando com a palavra, todas essas gerações recitam o cotidiano, traduzindo sua relação com o mundo.

As transcrições aqui apresentadas estão dispostas segundo o fraseado, facilitando a visualização da forma, estabelecendo conexões entre as partes, fazendo estudos comparativos das estruturas, rimas etc.

Quanto a organização no espaço, à forma e distribuição dos papéis, estas brincadeiras acontecem em roda, fila, túnel, aos pares, em diálogo, solos, grupos grandes, grupos pequenos, com as mãos, os pés etc. Os dois grandes grupos de brincadeiras aqui apresentados se diferenciam ainda segundo o gesto, a movimentação e formam grupos menores classificados de acordo. Entre as brincadeiras cantadas temos acalantos, brincos, brincadeiras de escolha, de movimentação específica, rodas de verso e brincadeiras de túnel. Entre as brincadeiras ritmadas temos amarelinha, corda, elástico, fórmulas de escolha, brincadeiras de mão, de movimentação

específica e pega-pega, além das histórias com música. Tantos gestos possibilitam à criança inventar, reinventar, improvisar, dando vazão ao novo, ao criativo. Nas rodas de verso, por exemplo, constituídas por um refrão, cantado pelo grupo, e o verso cantado individualmente, surge a possibilidade de improvisação na escolha do verso, e na possibilidade de variações rítmicas e melódicas, segundo as características de cada música e a expressão de cada um.

Cada nota aqui representada foi pensada e repensada, experimentada muitas e muitas vezes, e, finalmente, grafada, na expectativa de que outras crianças brinquem. Nosso desejo é que este trabalho desperte em outras pessoas a vontade de que outras comunidades sejam ouvidas e registradas; que a Música da Infância chegue às escolas brasileiras; que a Educação Musical no Brasil considere a Música da Cultura Infantil como fundamento da Educação, elegendo suas práticas.

## Referências

ANDRADE, Mário. Música, doce música. São Paulo: Martins, 1963.

BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes. Cancioneiro folclórico infantil. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1970.

CERQUEIRA, Esther P.de. Folclore Musicado da Bahia. Salvador: FUNCEB/EGBA, 1978.

FERNANDES, Florestan. As “trocinhas” do Bom Retiro. São Paulo: Revista do Arquivo Municipal, 1947.

HEYLEN, Jacqueline. Parlenda: riqueza folclórica. São Paulo: Hucitec, 1987.

HORTÉLIO, Lydia. Música Tradicional da Infância / Música da Cultura Infantil no Brasil. Salvador/BA, julho /2012.. Artigo não publicado.

\_\_\_\_\_. De onde vem aquela menina? Jornal Fura Bolo. São Paulo, Outubro/Novembro 2002. ano 2, n. 11. Ponto de Vista.

\_\_\_\_\_. Criança, Natureza, Cultura Infantil. Jornal Tema Livre. Bahia, julho 2002, ano V, n.53, Instituto Anísio Teixeira, SECBA/Secretaria da Educação e Cultura do Estado da Bahia.

\_\_\_\_\_. Abra a Roda Tin dô lê lê... São Paulo: Brincante, 2002. 1 CD. Acompanha livreto.

\_\_\_\_\_. Ô, Bela Alice... Salvador: Casa das Cinco Pedrinhas, 2004. 1 CD. Acompanha livreto.

MADUREIRA, Antônio. Brincadeiras de Roda, Estórias e Canções de Ninar. São Paulo: Eldorado, 1983.

MADUREIRA, Antônio. Brincadeiras de roda, estórias e canções de ninar. São Paulo: Eldorado, 1983. 1 CD. Acompanha livreto.

\_\_\_\_\_. Brincando de roda. São Paulo: Eldorado, 1984. 1 CD. Acompanha livreto.

MELLO, Veríssimo de. Folclore Infantil. Rio de Janeiro: Cátedra, 1985.